



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

PSICANÁLISE E BIOLOGIA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Ricardo Amaral Rego

RESUMO

Após romper com a psicanálise, em 1934, Wilhelm Reich trilhou um caminho de aproximação com elementos da biologia que o levaram a criar a psicoterapia corporal. Desde então houve avanços, mudanças e novas descobertas em ambos os campos, e pode ser muito útil para os profissionais e professores do campo da psicoterapia corporal revisitar essas bases e conhecer melhor como está sendo visto esse diálogo hoje. A proposta aqui apresentada vê esses campos como complementares, a psicanálise trazendo contribuições importantes no plano do manejo da subjetividade, e a biologia contribuindo com uma visão e uma metodologia que trazem novos conhecimentos e possibilidades.

Palavras-chave: Psicanálise. Biologia. Neurociência. Reich. Psicoterapia.

Continuo aqui um percurso que já vem de algumas décadas, e que se originou de uma insatisfação com as fundamentações teóricas que tradicionalmente sustentam as abordagens corporais: “as psicoterapias de inspiração reichiana podem buscar fundamentação na psicanálise, retomando suas origens; e podem também assimilar informações da ciência biológica. Tecendo os fios a partir destes campos estruturados e sistematizados, talvez se possa construir uma rede que dê sustentação mais consistente às nossas práticas e aos nossos conceitos” (Rego, 1992, p. 102).

Venho ao longo do tempo desenvolvendo vários aspectos dentro desta perspectiva (Rego, 2003, 2005a, 2005b, 2008, 2014a, 2014b, 2017), e apresentarei aqui um resumo dos achados e das propostas vislumbradas por mim, e que podem ser úteis aos colegas. Incluo ainda desenvolvimentos mais recentes de um campo sempre em transformação.

1— Os psicanalistas e a biologia

O tema das relações entre psicanálise e biologia comporta opiniões bastante diversas. Freud foi um neurologista, e de início procurou fundamentar suas descobertas com base na neurociência de seu tempo, ainda bastante rudimentar. Ele escreveu seu “Projeto para uma Psicologia Científica” (Freud, 1895) como uma tentativa de entender os processos mentais com base no conhecimento biológico.

Entretanto, suas descobertas o levaram a seguir um caminho diferente, já que os seus achados clínicos o levaram a propor hipóteses que apontavam caminhos distantes da proposta



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

anterior. Desta forma, no prefácio à terceira edição dos “Três Ensaio...”, ele comenta que “este trabalho se caracteriza não só por se basear inteiramente na pesquisa psicanalítica, como também por ser deliberadamente independente das descobertas da biologia (...) não havia necessidade de me desviar do meu caminho se o método psicanalítico conduzia, sob vários e importantes aspectos, a opiniões e descobertas que divergiam grandemente daquelas que se baseiam em considerações biológicas.” (Freud, 1914, p. 128).

Assim, Freud seguiu seu caminho, desbravando novos terrenos. Entretanto, essa ruptura com a biologia sempre foi vista como algo provisório e não definitivo: “Julgamos necessário nos manter afastados de considerações biológicas durante nosso trabalho psicanalítico e abster-nos de utilizá-las para propósitos heurísticos, de maneira a não nos afastarmos de um julgamento imparcial dos fatos psicanalíticos que se nos apresentam. Mas, depois de completar nosso trabalho psicanalítico, teremos de encontrar um ponto de contato com a biologia” (Freud, 1913, p. 217).

Existem autores no campo da psicanálise que discordam dessa visão de Freud e propõem um abandono do referencial biológico, enfatizando seu caráter hermenêutico. Por exemplo, Garcia-Roza (1997, p. 9) afirma que “a redução da pulsão ao biológico foi um dos mais lamentáveis desvios impostos à teoria psicanalítica.” Segundo ele, “a única organização imposta às pulsões é a decorrente da estrutura de significantes”, já que “a pulsão não tem objeto próprio (ou objeto natural), seu objeto será oferecido pela fantasia” (idem, p. 144).

No mesmo sentido, Rechart (1988, p. 48) afirma que Freud teria usado suas especulações biológicas como andaimes para edificar um modelo teórico do psiquismo e, “uma vez encontrado o modelo aplicável à psicologia, não precisou mais da biologia. A filosofia e a mitologia forneceram-lhe modelos fecundos.”

Seguiremos aqui um caminho diferente, que é o de valorizar, recuperar e aprofundar a conexão entre a psicanálise e a biologia. Minha trilha está mais de acordo com Kandel, um neurocientista ganhador do prêmio Nobel, que vê uma psicanálise cada vez menos influente no mundo científico, e comenta que “este declínio é lamentável, já que ela continua a representar a visão mais coerente e intelectualmente satisfatória da mente humana.” que (Kandel, 2003, p. 139). Ele escreveu um artigo onde sugere “uma forma de revigoração da teoria psicanalítica que se dá através do desenvolvimento de uma relação próxima com a biologia em geral e com a neurociência cognitiva em particular.” (idem, p. 140).

2—Discutindo a hipótese freudiana da pulsão de morte



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

Na minha tese de doutorado, foi realizada uma discussão da teoria freudiana da pulsão de morte. Ao propô-la, Freud baseou-se em especulações biológicas, dados clínicos e fenômenos sociais, históricos e culturais. Minha proposta foi concentrar a atenção nos aspectos biológicos que, de acordo com Freud, justificariam tal hipótese. Isso me levou a questionar diversos aspectos da metapsicologia freudiana, que aqui apresento resumidamente ao leitor.

Começaremos pelo chamado princípio de prazer, tal como foi definido por Freud (1920, p. 76): “a tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (...) tendência que encontra expressão no princípio de prazer”. Assim, “o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante. (idem, p. 19).

Esse modelo se mostra bastante eficiente para descrever elementos da fisiologia relevantes para a metapsicologia freudiana, como a fome, a excreção e o sexo. Entretanto, para outras dimensões da vida humana, ele se mostra insuficiente.

Percebemos no ser humano e em outros animais com sistema nervoso desenvolvido que existe uma busca de estimulação, e uma aversão ao tédio e à monotonia. A enorme importância da indústria do entretenimento mostra isto de modo eloquente. A curiosidade é um fator motivacional de grande força, e isto mostra que alguns aspectos da vida seguem um padrão diverso daquele descrito pela formulação do princípio de prazer.

O impulso de brincar também parece apresentar um caráter autoimpelente, em que não há uma tendência de redução do estímulo.

A neurofisiologia do prazer revela que a lógica que rege as sensações de prazer e desprazer está relacionada à homeostase do organismo: “estímulos que promovem um retorno à homeostase são em geral experienciados como prazerosos, enquanto aqueles que prejudicam a homeostase são desprazerosos ou mesmo perturbadores.” (Panksepp, 1998, p. 182).

Desta forma, “talvez se possa dizer, num jogo de palavras, que o prazer, mais do que um princípio, é um meio de chegar a um fim. Ou seja, as sensações de prazer e desprazer parecem constituir um recurso desenvolvido para orientar a busca da homeostase em organismos com um sistema nervoso complexo e sofisticado e que devem chegar a decisões que lhes permitam sobreviver.” (Rego, 2005a, p. 102).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

Se continuam válidas as ideias de Freud relativas à fome, ao sexo e a excreção, outras dimensões ficam de fora desse modelo. Talvez não seja à toa que Winnicott (ao tratar da importância do brincar) e Bowlby (ao teorizar sobre o comportamento exploratório) busquem referenciais diferentes daqueles da metapsicologia freudiana baseada no princípio de prazer.

Uma possibilidade é pensar em vários níveis de autorregulação que se superpõem:

a) A autorregulação que independe do sistema nervoso. Por exemplo, a maior parte das respostas imunológicas, o metabolismo celular, o funcionamento dos vegetais, fungos e microorganismos em geral etc.

b) A autorregulação mediada pelo sistema nervoso de maneira automática, sem passar pela consciência e nem sendo mediada pela sinalização dos sistemas de prazer-desprazer. Por exemplo, a regulação da pressão arterial e a manutenção do equilíbrio.

Em outros casos, certos grupos de neurônios fazem o elo entre as informações captadas no ambiente e tendências inscritas no cérebro. Estes mecanismos dariam o rumo geral: direcionar para o alimento, a sexualidade, a assimilação de informações etc.

Conforme seja o caso e a necessidade do organismo, a reação de prazer estará vinculada ao aumento ou à diminuição da quantidade de estímulo. Dessa forma, teríamos mais dois níveis de autorregulação:

c) A autorregulação mediada pelo sistema nervoso através dos mecanismos de prazer e desprazer, onde o desequilíbrio de um parâmetro homeostático é indicado por uma sensação de desprazer e o retorno ao equilíbrio por uma sensação de prazer. Seria o caso da fome, da eliminação de excretas e, em grande medida, do sexo.

d) Também mediada pelo prazer/desprazer, mas neste caso a sensação de prazer estaria correlacionada ao aumento da excitação, à busca de estímulos. Seria o que ocorre na curiosidade, no brincar e no comportamento exploratório. O princípio de prazer freudiano não seria aplicável aqui.

Talvez se possa, portanto, dizer que as formulações freudianas sobre o princípio de prazer encontram uma validade bastante grande quando lidamos com a forma de autorregulação descrita no item C acima. Ou seja, uma parte do sistema nervoso e do aparelho psíquico realmente funcionam da forma descrita por Freud. Mas isso não é uma característica de todos os seres vivos, não dá suporte à hipótese de uma tendência do sistema nervoso de redução total da estimulação, não é a única maneira de autorregulação dos seres vivos e não é o único princípio de funcionamento do psiquismo.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

Outro tema discutido é o conceito de pulsão. Percebe-se que existem muitas formulações quanto ao que esse termo abrange. Não cabe aqui a discussão das diversas opiniões a respeito, sendo, porém, importante enfatizar que alguns dos conceitos de pulsão são compatíveis com o conhecimento biológico. Grosso modo, quando pensamos na consciência como uma estratégia da natureza para realizar a autorregulação de organismos com sistema nervoso desenvolvido, a descrição original de Freud da pulsão como um conceito na fronteira entre o psíquico e o somático parece se encaixar sem grandes atritos e permanecer válida. Por outro lado, muitas das concepções sobre as pulsões mostram-se incompatíveis com as descobertas e avanços da biologia e deve-se então fazer uma opção entre abandonar tais formulações e permanecer no diálogo com a biologia, por um lado, ou, por outro, abandonar tal tentativa e trilhar um caminho independente da biologia.

Por fim, será examinado o tema da agressividade e da destrutividade. Segundo Freud (1930, p. 141) existe uma pulsão de morte nos humanos que pode ser “desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade (...) qualquer restrição dessa agressividade dirigida para fora estaria fadada a aumentar a autodestruição.”

Tal hipótese não encontra amparo no conhecimento biológico. Conforme Rego (2005a, p. 176-177):

a) Não existem evidências etológicas ou neurofisiológicas de um impulso autodestrutivo inerente aos seres vivos em seu habitat natural, com exceção daqueles que tenham uma função de maximizar o sucesso reprodutivo.

b) A agressividade é um conceito que abrange diversos fenômenos, cuja natureza diversa dificulta ou mesmo impede uma explicação simplificada como a de que tudo teria uma única origem, a saber, a deflexão de uma hipotética pulsão de morte para o exterior.

c) As evidências falam a favor da ideia de que a inibição da expressão agressiva não causa necessariamente danos internos por aumentar os impulsos autodestrutivos.

d) O modelo pulsional descrito no capítulo 6 parece não se aplicar ao fenômeno da agressão. Diferentemente da fome, da sede, do sexo, do desconforto térmico e outras necessidades regulatórias, a agressão (do mesmo modo que a fuga ou a paralisia por medo) parece ser uma resposta possível do organismo em determinadas situações,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

dependendo de reflexos embutidos no sistema nervoso, de aprendizado e/ou de avaliação cognitiva do ambiente.

Desta forma, impõe-se uma reavaliação da teoria freudiana da agressividade e da destrutividade que leve em conta esses novos conhecimentos.

3— O novo inconsciente

Freud baseou sua abordagem sobre o pressuposto de que uma parte importante da vida mental ocorre fora da consciência. Essa noção foi muito combatida em sua época, mas pesquisas no campo da neurociência a partir da década de 1980 foram confirmando este ponto de vista. Muito se tem escrito sobre este tema recentemente (Callegaro, 2011; Eagleman, 2012; Mlodinow, 2013; Rego, 2017).

Apesar de validar a importância da vida mental inconsciente, e de conceitos psicanalíticos como resistência, transferência e mecanismos de defesa, os pesquisadores do campo da neurobiologia tendem a enfatizar a diferença entre aquilo que chamam de “inconsciente cognitivo” e o “inconsciente dinâmico” postulado por Freud em sua metapsicologia.

Esta visão não está necessariamente em desacordo com as formulações de Freud (1915, p. 191), segundo as quais “o reprimido não abrange tudo que é inconsciente. O alcance do inconsciente é mais amplo: o reprimido é apenas uma parte do inconsciente.” Em “O Ego e o Id”, essa tese é confirmada quando se diz que “o reprimido se funde com o id, e é simplesmente uma parte dele.” (Freud, 1923, p. 38). Ou seja, pode haver dinâmicas psíquicas que sejam melhor descritas por um modelo ou por outro, sem que isso signifique a exclusão de um deles.

Neste sentido, em artigo anterior, assinalo que “em psicoterapia corporal, muitas vezes deparamo-nos com fenômenos que sugerem a existência de um outro tipo de inconsciente (aqui chamado de neurolocomotor), que parece ser formado sem a ação do recalque” (Rego, 2003, p. 52). Assim,

a dinâmica aqui pode ser inteiramente diferente daquela que ocorre no recalque:

- a) não haveria uma força impelindo naturalmente o conteúdo inconsciente em direção à consciência;
- b) não existiria, portanto, uma pressão pelo “retorno” do material inconsciente, e este não estaria presente em atos falhos, sonhos e sintomas;



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

- c) o que está inconsciente não seria uma pulsão ou um representante da pulsão, isto fazendo com que o papel da sexualidade não seja necessariamente o principal, como ocorre no caso do inconsciente recalçado;
- d) este seria simplesmente um mecanismo neurológico normal, e não um processo patológico;
- e) não parece haver uma representação recalçada que é afastada da consciência;
- f) existiriam procedimentos que podem tornar-se inconscientes em qualquer fase da vida, não havendo assim necessariamente uma predominância dos elementos infantis;
- g) o papel da angústia parece ser diferente neste caso, tanto no processo de tornar inconsciente um material consciente como no processo inverso (idem, p. 53).

Seriam várias as implicações clínicas dessa visão:

Aparentemente, não há uma psicodinâmica envolvida nesta resistência. Se a hipótese aqui analisada for verdadeira, o modo de lidar com esta resistência terá de ser diferente daquele discutido anteriormente. A metodologia proposta por Keleman (1992, 1995) parece estar voltada para este tipo de questão e, talvez, não seja à toa que ele não utiliza o referencial teórico e técnico da psicanálise ou da tradição reichiana. É um trabalho voltado para a reorganização de padrões musculares e emocionais, no qual a ampliação da propriocepção e do controle sobre a motricidade adquirem papel preponderante (ibidem, p. 54).

Em texto posterior (Rego, 2005b), esse tema de um outro tipo de inconsciente é retomado, em conexão com a diferenciação entre memória declarativa (ou explícita) e memória não declarativa (também chamada de implícita ou procedural – ver Kandel, 2003; Squire & Kandel, 2002). A memória declarativa consistiria de elementos como palavras e imagens que podem ser trazidas à consciência, e constituiriam o fundamento do trabalho psicanalítico.

A memória implícita “abrange as aptidões motoras e perceptivas, a aprendizagem emocional, as diversas formas de condicionamento, os hábitos e o fenômeno do *priming*, além de outros aspectos do funcionamento psíquico” (Rego, 2005b, p. 81)

Segundo Kandel (2003, p. 150), “durante os 2 a 3 primeiros anos de vida, quando a interação da criança com sua mãe é particularmente importante, a criança depende primeiramente de sua memória procedural (....) a memória declarativa se desenvolve em



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

período posterior.” Ainda segundo este autor, “muitas das mudanças que se desenvolvem no processo terapêutico durante a análise não estão no campo da compreensão consciente e, sim, no campo dos comportamentos e conhecimentos não-verbais do inconsciente procedural.” (idem, p. 145).

5. A neuropsicanálise de Mark Solms

A neuropsicanálise “busca integrar, sobre uma base empírica, a psicanálise e a neurociência” (Soussumi, 2004, p. 45). É um empreendimento relativamente recente, pois

data de 1994 a fundação do grupo de estudos de neurociência e psicanálise no Instituto de Psicanálise de Nova York (...). Com o aumento de psicanalistas e de neurocientistas interessados nos estudos das correlações das duas disciplinas que beneficiavam as duas entre si, resolveu-se, sob a coordenação de Arnold Pfeffer e Mark Solms, fundar uma sociedade que congregasse esses psicanalistas, neurocientistas, solitários ou organizados em grupos, e que pudesse ser um polo de orientação, atualização e de trocas. Assim, em julho de 2000, em Londres, durante a realização do I Congresso Internacional de Neuro-Psicanálise, um comitê fundador que foi constituído com as lideranças de diversos pontos do planeta, fundou a Sociedade Internacional de Neuro-Psicanálise. (idem).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

Não cabe aqui realizar uma ampla discussão dos autores que defendem o projeto da neuropsicanálise (Damásio, 2012; Panksepp & Solms, 2012) ou que apontam limitações nele (Guerra & Xavier, 2008; Ramus, 2013). Entretanto, vale sim destacar que certamente a neuropsicanálise constitui um campo de discussões que não pode ser ignorado por qualquer profissional interessado na relação entre psicanálise e biologia. Me proponho a ilustrar este ponto comentando algumas propostas recentes de Mark Solms, as quais podem ilustrar o tipo de questionamento que tem sido levado à frente por autores deste campo e o quanto isto abala os pilares do conhecimento tradicional.

De acordo com este autor, “a parte superior do tronco cerebral (e as estruturas límbicas associadas) desempenham as funções que Freud atribuiu ao id, enquanto o córtex (e as estruturas cerebrais associadas) desempenham as funções que ele atribuiu ao ego. Isto significa que o id é a fonte da consciência e o ego é em si mesmo inconsciente (Solms, 2013, p. 5).

O pano de fundo do estar consciente seria constituído pelo registro da paisagem corporal: “a consciência registra o estado do sujeito, não o do mundo dos objetos (Solms, 2017, p. 92). Assim, “o corpo interno não é um objeto de percepção (...) ele é o sujeito da percepção. (...) Podemos descrever este aspecto da consciência como a página na qual as percepções externas são inscritas” (Solms, 2013, p. 7).

Neste modelo, a consciência se apresenta sempre sob a forma de afetos, que são classificados como “afetos homeostáticos” (fome, sede), “afetos sensoriais” (nojo, surpresa) e “afetos emocionais” (raiva, medo, tristeza, brincar, desejo sexual etc.). Todos estes afetos constituiriam a base orgânica daquilo que Freud chamou de pulsões.

Esta classificação deriva das proposições de Panksepp (1998), que mapeou os sistemas emocionais básicos inscritos no cérebro, que “regulam as múltiplas necessidades biológicas do organismo humano – que são, incidentalmente, quase idênticas às dos demais mamíferos” (Solms, 2017, p. 92). Segundo Panksepp, podem ser distinguidos em sua anatomia e funcionalidade sete sistemas bem delimitados, que ele denominou (em maiúsculas, para distinguir dos afetos que se manifestam nas expressões do organismo): BUSCA (SEEKING), DESEJO SEXUAL (LUST), MEDO (FEAR), RAIVA (RAGE), CUIDADO (CARE), TRISTEZA (GRIEF), BRINCAR (PLAY).

Conforme Solms (2013, p. 12), “a consciência é gerada no id, e o ego é fundamentalmente inconsciente. Isto tem implicações massivas para a nossa conceituação do ego e de tudo que deriva dele, tal como nossas teorias sobre psicopatologia e técnica clínica”.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

Interessante notar que este autor, mesmo sendo membro efetivo de instituições psicanalíticas (*Research Chair* da *International Psychoanalytical Association*, Diretor do Departamento Científico da *American Psychoanalytic Association*, entre outros títulos – ver Choder-Goldman, 2018) e reconhecido por seus pares, introduz alterações substanciais nos conceitos tradicionais, alterando todo o raciocínio clínico usual. Por muito menos, Wilhelm Reich foi expulso, execrado e esquecido pelos psicanalistas e suas instituições oficiais. É bom perceber que os tempos mudam, e hoje quem sabe ele poderia desfrutar da atenção de seus colegas e a Psicanálise poderia se beneficiar de suas ideias e métodos, incluindo o corpo, a biologia e a autorregulação como temas válidos de estudo.

6. Considerações finais

Percebe-se que a visão de Reich de buscar uma aproximação entre a psicanálise e a biologia, se foi vista como algo estranho em sua época, hoje frutifica e traz desdobramentos inimaginados para aqueles acostumados com a tradição psicanalítica.

Esse progresso nos convida a atualizar nossos conhecimentos e nossas propostas clínicas. Há pela frente uma enorme tarefa caso queiramos nos manter em sintonia com a ciência e os desenvolvimentos por ela trazidos. Na minha opinião, não há mais espaço para apego aos velhos dogmas, e o castigo para os que se desviarem deste caminho de atualização constante será provavelmente a irrelevância.

Neste sentido, um ponto a ser melhor estudado é o fato de que vários dos autores comentados aqui se mostram dispostos a grandes mudanças teóricas, mas em geral isso desemboca em que o novo referencial teórico acaba validando e justificando a mesma prática já consagrada. Podemos ver sinais disto em Solms (2013, 2017) quanto à psicanálise, de Callegaro (2011) em relação à terapia cognitivo-comportamental, e, claro, de mim mesmo (Rego, 2003, 2005a, 2005b, 2008, 2014a, 2014b, 2017) no que diz respeito às psicoterapias corporais.

Talvez o apego aos hábitos seja maior do que o apego às ideias, ou pode ser que uma prática que parece funcionar crie em seu praticante uma tendência a enxergar comprovações de forma equivocada. Talvez esteja aqui em ação o chamado viés de confirmação, que é “a busca ou a interpretação de evidências que é feita de forma parcial em relação a crenças, expectativas ou hipóteses pré-existentes” (Nickerson, 1998, p. 175) ou, mais diretamente “a tendência de procurar só o que queremos ver” (Orsi, 2014). Uma das explicações para que este viés seja tão disseminado é que “quando algo reforça nossas crenças, nos sentimos triunfantes; quando são desmentidas, nos sentimos frustrados ou até ofendidos” (idem).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

Uma visão mais otimista diria que, se for verdade que essas práticas todas são demonstravelmente eficientes e válidas, e que além disso tenham todas elas sua compreensão realizada a partir do mesmo referencial da neurobiologia, quem sabe consigamos chegar a uma proposta de psicoterapia que incorpore as contribuições das diversas abordagens em um formato novo mais abrangente e eficaz, uma unificação dos campos até aqui incompatíveis e antagonicos.

REFERÊNCIAS

BOWLBY, J. – **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

CALLEGARO, M. – **O novo inconsciente**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CHODER-GOLDMAN, J. – A conversation with Dr. Mark Solms. **J. Psychoanalytic Perspectives**, Vol. 15, 2018 - Issue 1, p. 152-170.

DAMÁSIO, António – **O mistério da consciência**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

_____ – Neuroscience and psychoanalysis: A natural alliance. **Psychoanal Rev** 2012; 99: 591–4.

EAGLEMAN, David – **Incógnito**. As vidas secretas do cérebro. Rio de Janeiro, Rocco, 2012.

FREUD, Sigmund (1895) – Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. I, Rio de Janeiro, Imago, 1987, p. 303-400.

_____ (1913) – **O interesse científico da psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIII. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 195-226.

_____ (1914) – Prefácio à Terceira Edição. In FREUD, S. – **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972, p. 123-250.

_____ (1915) – **O inconsciente**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 185-245.

_____ (1920) – **Além do Princípio do Prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 13-85.

_____ (1923) – **O ego e o id**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 13-89.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

_____ (1930) – **O Mal-Estar na Civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 81-171.

GARCIA-ROZA, L. A. – **O Mal Radical em Freud**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997.

GUERRA, E. M. & XAVIER, J. I. – Perspectivas sobre o projeto de constituição da neuropsicanálise: um olhar crítico. **Ciências & Cognição**, 2008; Vol 13 (3): p. 02-18

KANDEL, Eric – A biologia e o futuro da psicanálise: um novo referencial intelectual para a psiquiatria revisitado. **Rev. Psiquiat. RS**, 25: 139-65, 2003.

Keleman, S. – **Padrões de distresse**. São Paulo, Summus, 1992.

_____ – **Corporificando a experiência**. São Paulo, Summus, 1995.

MLODINOW, Leonard – **Sublimar**: como o inconsciente influencia nossas vidas. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

NICKERSON, R. S. – Confirmation Bias: A Ubiquitous Phenomenon in Many Guises. **R. Gen. Psychology**, 1998 vol. 2(2): 175-220.

ORSI, C. – Em busca de confirmar nossas próprias certezas. **Rev. Galileu** online, 2014. Consultado em <https://revistagalileu.globo.com/blogs/olhar-cetico/noticia/2014/01/em-busca-de-confirmar-nossas-proprias-certezas.html>. Acesso em 10/05/2018.

PANKSEPP, J. – **Affective Neuroscience**. The Foundations of Human and Animal Emotions. New York, Oxford Univ. Press, 1998.

PANKSEPP J, & SOLMS M. – What is neuropsychoanalysis? Clinically relevant studies of the minded brain. **Trends Cogn Sci** 2012; 16: 6–8.

RAMUS, F. – What's the point of neuropsychoanalysis? **Brit. J. Psychiatry**, 2013, 203, p. 170–171.

RECHARDT, E. – Os destinos da pulsão de morte. In GREEN, A. et al. – **A Pulsão de Morte**. São Paulo, Escuta, 1988, p. 45-56.

REGO, Ricardo Amaral – Apontamentos para uma abordagem integrada em psicoterapia reichiana. **Revista Reichiana** 1. Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 1992, p. 100-117. Disponível eletronicamente em <http://www.ibpb.com.br>.

_____ – A Clínica Pulsional de Wilhelm Reich: Uma tentativa de atualização. **Psicol. USP**, 14: 35-59, 2003.

_____ – **Psicanálise e Biologia**: uma discussão da pulsão de morte em Freud e Reich. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia da USP. São Paulo, 2005a. Disponível eletronicamente em <http://www.ibpb.com.br>.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REGO, Ricardo Amaral. Psicanálise e biologia: aproximações e distanciamentos. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

_____ – Reich e o paradigma pulsional freudiano. In ALBERTINI (Org.) **Reich em diálogo com Freud**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005b, p. 59-87.

_____ – **A vida é dura para quem é mole**. Considerações sobre aspectos psicológicos da hipotonia muscular. Monografia apresentada ao Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Formação em Análise Bioenergética. São Paulo, 2008. Disponível eletronicamente em <http://www.ibpb.com.br>.

_____ – **Deixa vir...** Elementos clínicos de Psicologia Biodinâmica. São Paulo, Axis Mundi, 2104a.

_____ Tocar o corpo para ouvir a alma. In REGO, R.A. et al. (Org.) **O toque na psicoterapia. Massagem Biodinâmica**. Petrópolis: KBR, 2014b, p. 227-339.

_____ – O Novo inconsciente. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO e ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.> Acesso em: 15/05/2018.

SOLMS, M. – The Conscious Id. **Neuropsychoanalysis**, 2013, 15 (1): 5-18.

_____ – What is “the unconscious,” and where is it located in the brain? A neuropsychoanalytic perspective. **Ann. N.Y. Acad. Sci.**, 2017, 1406, p. 90–97.

SQUIRE, L. R.; KANDEL, Eric – **Memória, da Mente às Moléculas**. Porto, Porto Ed., 2002.

SOUSSUMI, Y. – O que é neuropsicanálise. **Cienc. Cult.**, 2004, 56(4): p.45-47.

WINNICOTT, D. W. – **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

AUTOR e APRESENTADOR

Ricardo Amaral Rego / São Paulo / SP / Brasil

Médico, analista biodinâmico, CBT (certificação em Análise Bioenergética). Diretor do Instituto Brasileiro de Psicologia Biodinâmica. Doutor em Psicologia pela USP. Revisor Técnico da Tradução de diversas obras de Wilhelm Reich

Email: ric.rego@uol.com.br